Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Espacialistas (Os)

Serâmico : jogos, formas e misturas

http://hdl.handle.net/11067/8222
https://doi.org/10.34628/NMG7-3T04

Metadados

Data de Publicação 2025

Resumo A partir da metáfora cerâmica i-material do nosso ser, com tradições, matérias e memórias, Os Espacialistas apresentam na forma de projectos imaginários de natureza lúdica, corporal e espacial: A Poética da Mistura. Nos seus trabalhos misturam artesanalmente ideias, formas, moldes e formas de fazer. Moldam-nas nos gestos. Fazem coisas poéticas com elas. Levam-nas ao forno. Deixam-nas aparecer e crescer em pro(ex)cesso e liberdade matemática. Através do processo serâmico contínuo espacialista de ...

Based on the immaterial ceramic metaphor of our being, with traditions, materials and memories, Os Espacialistas present, in the form of imaginary projects of a playful, physical and spatial nature: The Poetics of Mixing. In their work, they handcraftedly mix ideas, shapes, moulds and ways of doing things. They mould them into gestures. They do poetic things with them. They put them in the oven. They let them appear and grow in pro(ex)cess and mathematical freedom. Through the continuous spatial...

Tipo bookPart

Editora Universidade Lusíada Editora

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T02:05:43Z com informação proveniente do Repositório

OS ESPACIALISTAS[1]
osespacialistas@gmail.com

SERÂMICO – JOGOS, FORMA E MISTURAS

CERAMIC – GAMES, SHAPES AND MIXTURES

doi 10.34628/NMG7-3T04

Resumo: A partir da metáfora cerâmica i-material do nosso ser, com tradições, matérias e memórias, Os Espacialistas apresentam na forma de projectos imaginários de natureza lúdica, corporal e espacial: A Poética da Mistura. Nos seus trabalhos misturam artesanalmente ideias, formas, moldes e formas de fazer. Moldam-nas nos gestos. Fazem coisas poéticas com elas. Levam-nas ao forno. Deixam-nas aparecer e crescer em pro(ex)cesso e liberdade matemática. Através do processo *serâmico* contínuo espacialista de apanhar, misturar e repetir imagens, de virar do avesso os sentidos, de imaginar a memória, de partilhar e fotossintetizar os gestos dos sítios e dos corpos; de nomear e religar conceitos, ideias, pensamentos, materiais, corpos, espaços, objectos, intensidades, afectos, espantos e p/referências, Os Espacialistas constroem a gênese conceptual e prática dos apareceres dos seus projectos de natureza cerâmica.

Palavras-chave: Certeza | Incerteza | Estética | Ciência | Fenomenologia | Significado.

Abstract: Based on the immaterial ceramic metaphor of our being, with traditions, materials and memories, Os Espacialistas present, in the form of imaginary projects of a playful, physical and spatial nature: The Poetics of Mixing. In their work, they handcraftedly mix ideas, shapes, moulds and ways of doing things. They mould them into gestures. They do poetic things with them. They put them in the oven. They let them appear and grow in pro(ex)cess and mathematical freedom. Through the continuous spatialist ceramic process of collecting, mixing and repeating images, turning meanings inside out, imagining memory, sharing and photosynthesising the gestures of places and bodies; of naming and reconnecting concepts, ideas, thoughts, materials, bodies, spaces, objects, intensities, affections, amazements and p/references, Os Espacialistas construct the conceptual and practical genesis of the appearances of their ceramic projects.

Keywords: Certainty | Uncertainty | Aesthetics | Science | Phenomenology | Meaning.

[1] Os Espacialistas é um projeto laboratorial de investigação teórica e prática das ligações interdisciplinares entre Arte, Arquitetura e Educação com início de atividade em 2008. Substituem o lápis pela máquina fotográfica, enquanto dispositivo de desenho, de pensamento, de perceção e de diagnóstico do espaço natural e construído, cujas ações são reguladas pelo Diário do Espacialista e auxiliadas pelo "Kit Espacialista Por/tátil" que transportam consigo. Entre os trabalhos realizados destacam-se: Projetos de arquitetura, de assistência arquitetónica e artística a obras de arquitetura e arte, exposições de fotografia, vídeos, instalações, espaços cénicos, performances, colaborações literárias, ilustrações fotográficas, oficinas, seminários e publicações

Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.
Ouriginal Texto submetido à plataforma de deteção de similaridade e plágio OURIGINAL.
Os textos que constituem esta obra seguem, por decisão dos respetivos autores, a antiga ou a atual grafia.
O conteúdo desta obra é da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não vincula a Fundação Minerva | Universidade Lusíada.

A vida é a arte da mistura

A partir da metáfora cerâmica i-material do nosso ser, com tradições, matérias e memórias, Os Espacialistas apresentam na forma de projectos imaginários de natureza lúdica, corporal e espacial: A Poética da Mistura.

Nos seus trabalhos misturam artesanalmente ideias, formas, moldes e formas de fazer. Moldam-nas nos gestos. Fazem coisas poéticas com elas. Levam-nas ao forno. Deixam-nas aparecer e crescer em pro(ex)cesso e liberdade matemática.

Através do processo *serâmico* contínuo espacialista de apanhar, misturar e repetir imagens, de virar do avesso os sentidos, de imaginar a memória, de partilhar e fotossintetizar os gestos dos sítios e dos corpos; de nomear e religar conceitos, ideias, pensamentos, materiais, corpos, espaços, objectos, intensidades, afectos, espantos e p/referências, Os Espacialistas constroem a génese conceptual e prática dos aparecer-es dos seus projectos de natureza cerâmica.

Através de processos de desenho e de fabrico artesanal que levam a cabo, da procura da espacialidade dos padrões de azulejos imaginados e do corpo lúdico e animal de tijolos enfornados, enquanto espécies de fragmentos anatómicos do corpo do espaço, espécies de seres imaginários criadores de jogos cruzados de caminhos, desvios, pontes, passagens, interstícios, divisões e abrigos para as imagens e devaneios que cada sopro *serâmico* transporta consigo enquanto gesto habitado, Os Espacialistas poeticamente moram nos gestos, onde imaginam, erram e misturam tudo manual-mente, como oleiros de formas e superfícies de arte e arquitectura.

Respirar é misturar

Cerâmica, vem do grego Keramikós, com o significado daquilo ou aquele que é feito de argila queimada. *Kéramos*, "argila", filho de Ariadne e Dionísio, herói dos Oleiros (Kerameis) é também o lugar dos mortos onde foi sepultado Academo, herói ático que revelou o cativeiro de Helena de Tróia aos irmãos gémeos Castor e Pólux. Neste lugar dos mortos chamado Cerâmico, o cemitério de Atenas, rodeado por um bosque onde estavam plantadas uma dúzia de Oliveiras e foi construído um altar em honra de Atena nasceu a famosa escola de Platão, conhecida como Academia de Atenas.

Serâmico para os Espacialistas é o lugar dos mortos, o corpo humano feito de argila e animado pelo sopro morno de origem divina. Ao mesmo tempo é o lugar ontológico de toda a trans/formação humana do Ser Humano em palavra, corpo e espaço, onde tudo se ensina e aprende através do diálogo (peripateta) em andamento.

Antes de todos os outros ofícios do fogo, o oleiro, o criador de vasos de barro, de côncavos e convexos aprendeu a dominar o fogo, a transformar materiais inanimados e inertes em seres e a transportar metáforas do corpo de um lado para outro, na forma de objectos que lhe serviam de suporte às actividades e às necessidades quotidianas. Assim nasceram os vasos que guardavam as sementes e os alimentos que nos mantêm vivos até hoje.

À medida que o homem deixou de vagar, de andar de terra em terra, passava de caçador a agricultor e aprendia a dominar o fogo para se aquecer e proteger, desen-

volveu um dos seus primeiros ofícios, aprendeu a meter as mãos na terra, a pensar e a comunicar através desse gesto e assim se transformou num criador ontológico, num produtor de formas e maneiras de ser, no ser *Serâmico*, referido acima.

Das mãos sujas com terra, nasceram as primeiras pinturas. Das mãos metidas na terra, nasceram todos os vasos, humanos e objectos, soprados e animados pela chama divina do fogo.

Depois do corpo humano, o primeiro dos vasos, animado pelo sopro quente do seu criador, o oleiro divino, nasceram todos os côncavos e convexos que permitiram ao homem segurar e guardar nele todas as manifestações humanas e materiais do mundo. Diz-se que nos tornamos humanos quando passamos a cozinhar os alimentos.

A arquitectura como recipiente do corpo e das funções programáticas associadas a ele, acolheu-o e protegeu-o de todo o tipo de intempéries e perigos do mundo exterior, enquanto esperava, imaginava, projectava, dormia, sonhava e desenvolvia formas de comunicar e pensar colectivamente. A arquitectura é do domínio da linguagem e da emoção. Poeticamente o Ser Humano só habita quando conversa.

Os primeiros vasos, reflectiam partes da anatomia humana em forma de coração, barriga, coxa ou seio. Os primeiros fornos eram úteros maternos, com poderes de transformação, de germinação e de alimentação. Os homens, melhor, primeiro as mulheres meteram as mãos na terra e com o barro que dela extrairam, com a ajuda dos seus poderes mágicos de reprodução fizeram os primeiros vasos queimados, endurecidos pelo fogo.

Os primeiros tijolos utilizados na construção de casas e cidades, secos ao sol, datam cerca de 10 000 anos atrás. Só por volta de 4000 a.C. passaram a ser cerâmicos, cozidos na verdadeira acepção da palavra "*Kéramos*" = argila, onde "*ker*" tem raiz indo-europeia com sentido de fogo e calor.

Conscientes de que o corpo é o vaso maior da criação divina, onde o cérebro é uma espécie de vaso imaginal, capaz de conter todas as dimensões e divisões ilimitadas e desconhecidas da vida e o coração à semelhança dos antigos egipcios é o vaso armazém da verdade e da memória, Os Espacialistas partem sempre em direcção ao espaço a saber que aquilo que nos transforma em humanos é a nossa capacidade de lidar com o imprevisto, com o desconhecido e com tudo aquilo que nos acontece.

Todos os projectos espacialistas têm sido oportunidades de procura e de experimentação de processos ontológicos de transformação material e de consciencialização de que os materiais à semelhança dos seres humanos também querem ser alguém, com desejos e vontades, com linguagem própria como podemos pressentir na famosa pergunta de Louis Kahn: "O que é que um tijolo quer ser?".

Assim aconteceu com os primeiros projectos espacialistas, realizados na Quinta de Recreio do Palácio do Marquês de Pombal em Oeiras, onde um Kit de azulejos (fingidos) transportado, na forma de quadrados de baquelite em 2008 e de quadrados de madeira em 2016, ambos com as medidas de 14x14cm, com o intuito de estabelecer diálogo real e imaginário com os imensos painéis de azulejos joaninos existentes, quer nos espaços exteriores da quinta de recreio, quer nos interiores da casa palaciana, serviram para medi(a)r as intensidades reais e imaginárias dos espaços encontrados e questionar os azulejos encontrados sobre as suas origens e o que é que eles estavam ali a ser e a fazer, a querer ser do ponto de vista da forma e da função.

Aí Os Espacialistas exercitaram, repetiram e aprenderam como o azulejo (*azzelij* = pequena pedra polida) aparecido no Egipto e introduzido pelos árabes na Península Ibérica, em Granada e Sevilha, marca da arquitectura mudéjar (doméstica), trazido para Portugal por D. Manuel, o Venturoso, aquando da sua visita a Granada, se transformou na célula-padrão, pele de revestimento, plena de padrões geométricos, motivos florais, albarradas, puttis e narrativas infinitas de cenas da vida (religiosa) quotidiana de muitos edifícios notáveis simbólicos e de rendimento da arquitectura portuguesa.

As paredes de azulejos joaninos da Quinta de Recreio do Palácio do Marquês de Pombal em Oeiras, tornaram-se em páginas de um grande livro de histórias aos quadradinhos, composto por todo o conjunto arquitectónico e paisagístico edificado que podemos ler como quem colhe num livro, cenas da vida quotidiana de natureza histórica, social, cultural, lúdica, sensorial e religiosa. Aí as cores azul e branco, tradicionais dos azulejos de influência italiana, chinesa e holandesa, dialoga com azulejos de novas cores, marca da modernidade pombalina.

Projectar azulejos é habitar na profundidade artística de uma superfície enquanto porto de abrigo e destino de todas as coisas. É pensar de que modo essa profundidade substancial do espaço construído aparece e cristaliza-se na forma delicada de um azulejo brilhante, vidrado e colorido, que emerge à luz do dia, vem ao de cima, enquanto unidade mínima de re/vestir repleta de qualidades materiais, técnicas e estéticas, motivos de natureza geométrica e pictórica, reveladoras da essência in/temporal da proposição projectual sonhada.

Imaginar um azulejo é projectar uma célula que se multiplica, divide e repete em padrões e cores, capazes de se transformarem em notas de uma grande composição artística na superfície de uma parede.

Louis Kahn amava inícios. Um azulejo é uma célula, um início que se divide infinitamente aos olhos de quem a contempla, que erra / caminha à medida que alastra numa qualquer espécie de plano diante de quem a vê e a imagina enquanto unifica o corpo espacial que envolve e protege.

Um azulejo é uma peça de jogo, um tipo móvel, um carácter de um imenso alfabético arquitectónico, que ao contrário da imprensa e dos seus tipos móveis nunca matará a arquitectura nem a sua capacidade narrativa de contar histórias como vaticinou Victor Hugo, no livro Nossa Senhora de Paris de 1831, antes pelo contrário, as potencialidades de criação de linguagem, de afectação e de comunicação humana que encerra na sua génese *kéramica* são as maiores qualidades da sua natureza ontológica.

A cerâmica e a escrita são formas simultâneas de Ser Humano, basta atentar no facto do aparecer da escrita cuneiforme, cunhada em tábuas de argila, ocorrer ao mesmo tempo que a cerâmica endurecida pelo fogo, por volta de 3200 a.C.

Da escala lúdica de uma instalação artística à construção habitada de um projecto de arquitectura, Os Espacialistas servem-se sempres das práticas transdisciplinares investigativas que levam a cabo nos diversos contextos projectuais por que passam, como método para pensar um projecto site-specific artístico quer envolva o fabrico próprio manual de um tijolo ou o projecto de uma fachada de um edifício de arquitectura, transformada numa grande epiderme de natureza geométrica e artística, tornada num verdadeiro *Serâmico* arquitectónico.

Tijolo Burro é o nome do *project-room* espacialista de natureza *Serâmica* criado para a exposição colectiva Playmode realizada no MAAT em 2019.

A proposta teve como conceito a criação de um jogo em construção, materializado na ideia de um espaço construído em tijolo burro perfurado com os pontos do jogo Dominó; uma espécie de construção performativa do Movimento Moderno (em ruína) inspirado num esquisso de Le corbusier, onde as casas Dom-Ino aparecem alinhadas como as peças do jogo com o mesmo nome.

Duante um mês Os Espacialistas habitaram o telheiro Alberto Rocha em Santa Catarina - protectora dos estudantes, dos intelectuais e dos filósofos – onde aprenderam ritualmente a amassar barro, a lançá-lo na pedra, a colocá-lo na forma em forma de tijolo burro, a perfurá-lo manualmente e a estendê-lo no chão comum do terreiro, para secagem ao ar antes de ir ao forno.

Ocuparam todo o espaço do telheiro como jogadores aprendizes de Dom-Ino, (Domus Inovation), com a vontade toda de dialogar com um material produtor de tantos seres ficcionais, dar-lhe corpo e criar um processo conceptual artístico e artesanal de fabrico e pensamento próprio.

Cada espacialista tornou-se num trabalhador do barro, oleiro, no sentido hebraico da palavra (*yohtsér*), de formador ou daquele que forma (molda), e no sentido grego da palavra (*Ke.ra.méus*) de misturador de água e terra, que por sua vez deriva do sânscrito que significa "queimar", aprendeu que *Keramos* é também o barro, a mistura de argila queimada e transformada de forma definitiva em objectos cerâmicos de uso quotidiano.

No telheiro de Santa Catarina, não se fazem vasos e pratos, mas sim telhas, tijoleiras e tijolos, que lançados ritualmente no chão do terreiro desenham verdadeiras cidades imaginárias.

Da permanência *in loco* nasceu o conjunto de tijolos burro, que construiu a obra artística de natureza arquitectónica e performativa "Tijolo Burro", apresentado em primeira mão ao Burro Ronaldo, com o qual Os Espacialistas "dialogaram" antes de partir de Santa Catarina em direcção ao Maat, em Lisboa.

Os Espacialistas são fazedores de mundos. A vontade poética de fazer, transforma cada um dos projectos numa espécie de linguagem do espaço.

A linguagem nasceu da imitação da natureza, das formas e dos gestos. Das formas dos movimentos, da natureza dos gestos e dos sons dos animais. Nasceu de exercícios de diferença e repetição tal como acontece com os padrões celulares dos azulejos e dos tijolos que nos emocionam (imemorialmente) de maneiras sempre novas, de cada vez que entramos em contacto com eles.

"Tijolo Burro" é uma espécie de jogo em construção, onde o lúdico e o lúcido, trocam continuamente de lugar, ajudados por inúmeros jogos de linguagem. O prazer do jogo, transforma-se no dever do trabalho. Jogar é trabalhar. Trabalhar é jogar. Jogar é aprender a criar e a construir a escola e a escala do corpo, no tempo e no espaço.

É uma espécie de *b(u)ilder game* social, onde o corpo e o espaço se encontram num permanente jogo de imagens e escalas em colisão; onde as palavras ganham sentido de espaço, e em conjunto, com objectos e *foto-sínteses*, fazem aparecer narrativas / constelações múltiplas e simultâneas, de vida e morte, linguagem e filosofia, arte e política, ciência e religião, história e arquitectura, educação e (agri)cultura, jogo e trabalho, corpo e quotidiano.

O "Tijolo Burro" espacialista, é um animal doméstico rudimentar por vir, sujeito desde a mais tenra idade, a tarefas de peso e de repetição, que activam a imaginação da memória. Muda de cor, de escala, posição e função. É uma unidade mínima de construção artística, de natureza translúdica e transdisciplinar. É uma atmosfera cheia de curiosidades que encerra múltiplas vocações programáticas. É uma sobreposição arqueológica, de espécies de espaços, que vão desde o corpo à casa, da casa ao campo e à cidade, da rua à escola, e a todas as espécies de espaços que construímos, pensamos e habitamos desde criança, onde os materiais ganham vida e falam com quem os interpela, a partir de jogos, palavras e histórias, guardadas na memória intensificada de cada um.

É um jogo de arquitectura, com matérias, peças e regras de construção civil para todas as idades. É uma espécie de Corpo-Dominó.

O "Tijolo Burro" vai à escola, para ser um jogo sábio, correcto e magnífico de volumes bem dispostos sob a luz.

Neste jogo em construção, onde a forma da vida está na reacção poética do gesto humano, que transforma um tijolo de barro numa peça de jogo, quando perguntamos a qualquer tijolo o que ele quer ser (quando for grande), ele responde:

– Quero ser um tijolo burro, como aqueles que constroem os *espassos* onde sou.

O jogador é o trabalhador translúcido e bem disposto do Futuro.
Os gestos são as ideias do corpo.
O corpo é o colectivismo em jogo.
Brincar é repetir o Futuro,
outra vez ...